

Relato de Experiência

A interdisciplinaridade narrada em três atos: nascer, viver e morrer.

Fernando César de Souza

<http://lattes.cnpq.br/7502194260974200>

Introdução

Reafirma-se a premissa de que somos viventes em transformações, e que as nossas escolhas são suportadas em nossos ombros ao longo da vida, resultando em assinaturas singulares emolduradas pelos traçados da interação com o mundo e com os outros, em situações pacíficas ou violentas. O percurso escolhido aqui é o da Interdisciplinaridade, ou InterD, que extrapola o conceito ou as inúmeras definições para se legitimar na ação, motivando o autor a optar pelo movimento nascer/viver/morrer como metáforas para narrar alguns caminhos percorridos entre os dois campos de pesquisa: a escola e a clínica. Utilizando-se das atitudes da escuta e da contemplação, o texto traz um convite aos tesouros existentes nas obras de Ivani Fazenda (1993) onde o alicerce está no valor das atitudes de “coragem, ousadia, humildade, coerência e respeito”.

Há certa liberdade nessa escrita trazida pelos olhos fatigados e pelas lutas por reconhecimento que encontram ressonância com tantas outras lutas diárias de colegas pesquisadores (as) da InterD focada na inteireza do sujeito que se reconstrói heroicamente, diariamente. Isso eu aprendi com Ivani Fazenda e em seus textos: um fazer transgressor, heroico e perene dão a legitimidade à assinatura pessoal.

Dada a celeridade dos dias entre o nascer e o morrer, há infinitudes de decisões que impactam nesse viver que nos pede calma, mas ao mesmo tempo, coloca-se generosamente disposto a promover em nós o máximo da aventura humana.

Nascer, portanto, é um ato de espera e vigia. Percebam que, ao esperar por alguém, temos sensações variadas em nossos corpos e uma atenção latente em nossas mentes, o que numa abordagem simbólica notaríamos pelos vários tipos de viver ou morrer ao longo da vida, pois o “*milagre da vida humana não é sermos dotados de algumas fragilidades, mas estarmos repletos delas*” (BRYSON.p.17).

Com a certidão de nascimento em mãos, aparecemos civilmente nessa jornada social, e, aos poucos, adquirimos o nosso jeito de agir e reforçar qual a nossa assinatura existencial, única e singular. Assim, são construídos os percursos formativos na busca para compreender nossas inquietações diante da falta de reconhecimentos. O que acontece com todos nós é que dedicamos tempo para sermos reconhecidos como bons filhos, pais, profissionais e cidadãos, o que segundo HONNETH, é uma decisão de “*estar-consigo-mesmo no outro*” (p.175), e será essa a função máxima da nossa existência?

Nascer na docência

A vida em sua complexidade convida-nos para encarar todas as luzes e sombras desde o nascimento, pois “*toda vida comunitária, quer seja em escala de um grupo restrito ou de uma grande nação, depende assim de um conjunto espacial e temporal complexo, cujas estruturas mestras presidem ao desenvolvimento da existência no dia-a-dia*” (GUSDORF, p.215). Assim, num percurso pessoal do autor, há uma passagem disruptiva quando recebe um convite inusitado para substituir uma professora de matemática do Ensino Fundamental II que havia se afastado por doença. O tempo cronológico foi 1991, última década do século XX com tantas transformações sociais, econômicas e políticas. A sua pouca experiência na função do magistério era o desafio, porém, a opção foi intuitiva e coerente.

Nascia ali o educador com um desejo de ensinar de maneira diferente, lúdica e leve, ainda mais quando encontrava eco na fala de *Celestin Freinet*, onde o “*equilíbrio, saúde, felicidade jamais são realidades estáticas e definidas. São o resultado da partida vigorosa, da arrancada harmoniosa do potencial de vida, da satisfação da necessidade de potência*” (FREINET, p. 33)

Nascer na pesquisa

Nessa ‘*arrancada harmoniosa do potencial da vida*’ o autor se reconhece como pesquisador, num cruzamento entre a vontade de compreender a sua missão pessoal e o desejo de ver uma escola mais igualitária, participativa e coerente. Ano vigente de 2003, início do século XXI com suas esperanças renovadas na ciência, na tecnologia e nas conquistas sociais.

Na junção tempo e espaço o autor conhece as professoras Ecleide Furlanetto ⁽¹⁾ e Ivani Fazenda ⁽²⁾ que o acolheram numa dinâmica familiar. Ali conviviam a ciência, a pesquisa de alta qualidade e a leveza didática, tudo centrado nas histórias de vidas e na InterD. A sincronicidade forjou o melhor dos instrumentos: o diálogo. Sim, o autor aprendeu que “*o mestre ensina, mas ensina algo mais do que aquilo que ensina. O mais alto ensinamento do mestre não está naquilo que ele diz, mas no que ele não diz*” (GUSDORF, p.116)

Portas abertas e corações acalentados pelo diálogo coerente e recíproco entre mestras e aluno nessa jornada de formação escolhida conscientemente. Logo foi percebido que viver a InterD é despojar-se do sentimento de arrogância, e ‘*deitar raízes*’ (ARENDR, p. 150) da humildade na dinâmica escolar que pede escutas não mecânicas, não sistematizadas por técnicas de oratórias. Escutas sensíveis e compassivas foram se constelando como estudo e prática de formação de professores desde aquelas experimentações acadêmicas.

O renascer legitimado na dúvida e na dor

Nos percursos há percalços, e assim, aprendemos a acolher as sensações de bem-estar ou as dores advindas das limitações físicas, psíquicas ou emocionais, o que segundo BRYSON (p.294) “*toda dor é privada e intensamente pessoal. Uma definição significativa é impossível*”. E, quando o corpo se encontrava prostrado numa experiência ruim, o autor precisou modificar seu objeto de pesquisa sobre a formação de professores para os símbolos de cuidado e autocuidado na formação de docentes. O ano desse episódio? 2004. Outras questões surgiram: Por que é que os cursos de formação permanecem tecnicistas e repletos de sistematizações que se descolam da realidade da escola?

Nesta fase de dúvidas sobre a fraqueza do corpo, do ego e dos sonhos projetados, algo renasceu. Um misto de novas sensações físicas e percepções mentais deslocavam o autor para as forças inatas curativas possibilitando a presença de um sujeito saudável e potencialmente livre dos modelos mentais que o aprisionavam. Num ir e vir da pesquisa, aproximei-me de mim mesmo numa ciência interdisciplinar que acolhia as interconexões entre o poder educativo da clínica e a potencialidade cuidadosa da escola.

Viver: um caminho

Escolher a InterD ou ser escolhido por ela é reconhecer o valor das culturas; o perigo dos egos; as dimensões da criatividade humana; o vislumbre do poder; a generosidade da escuta; o risco da arrogância, entre tantas situações humanamente apresentadas diante dos nossos olhos no dia-a-dia. E, aos poucos, ancorar nas atitudes da escuta e da contemplação como atos compassivos remodelam a prática pedagógica do autor num lugar de escutas das narrativas, ratificando que *“o ser humano é uma unidade orgânica e estrutural que goza de uma integridade corpórea, psicológica, social e espiritual”* (ROSELLÓ, p. 58)

Viver a escola

Identificar que há processos de cuidados e autocuidados no espaço da escola é colocar em prática as atitudes interdisciplinares da ousadia e da coragem. Sabemos que viver em comunidade é desafiador, e agora, em tempos pandêmicos, o contato por meio das telas dos computadores nos causam sensações de não agrupamento e tampouco, autocontrole. Daí as práticas de autocuidados focadas na contemplação de si mesmo, da escuta da nossa respiração ou no manejo das sensações no corpo que teima em nos desestabilizar.

A escola como um lugar onde os sonhos são colocados e compartilhados, precisa quebrar as ‘grades curriculares’ ou as disciplinas isoladas para uma escola vista como um centro de convivência e de expansão de sentidos, repleta de descobertas e mistérios, pois *“todo nascimento é um mistério. O mistério pedagógico coroa o nascimento de um espírito, a vinda de um espírito ao mundo e a si mesmo”* (GUSDORF, p.19). Então a escola poderia ser, simbolicamente, uma maternidade de ampliação das consciências e conhecimentos em prol do Planeta.

Há potencialidades de cuidados na escola quando os sentidos, a escuta de todas as vozes e a contemplação da narrativa do outro são valorizadas e conduzidas nesse lugar do encontro entre o diverso, o estranho e o público, numa atitude de espera onde a *“esperança supõe a consciência de uma situação que nos convida ao desespero (enfermidade, perda...). Esperar é dar crédito à realidade, afirmar que há nela algo que nos fará triunfar do perigo”* (ROSELLÓ, p. 168)

Viver a clínica

O poder educativo da clínica está demonstrado pelo crescente aumento de programas de formações; cursos de atualizações; centros de estudos, etc. A clínica carrega uma responsabilidade de dotar o ser humano de autonomias para suas decisões e sua saúde. Devolver ao paciente o seu poder inato de autocuidado é afirmar que qualquer tratamento ou terapia só terá efeitos positivos a partir da sua escolha, e não da imposição do médico ou terapeuta. E a pergunta que mais aparece é: será que as pessoas estão terceirizando a sua própria saúde, sem perceberem de que há muito escondido em si mesmas?

Certo de que a abordagem interdisciplinar suporta as conexões Educação e Saúde por meio de narrativas, pois o *“ato de narrar é essencial no processo de cuidar”* (ROSELLÓ, p. 153), o autor vivenciou os fundamentos da Medicina Integrativa com os parceiros de jornadas vindos de tantas áreas diferentes, mas num respeito inabalável na comunhão escola & clínica. Mais do que observar um cenário e produzir informações científicas, o silêncio contemplativo e respeitoso foi a régua que o aproximou das situações de vulnerabilidades e traumas pertencentes ao cotidiano das pessoas, independentemente da sua área de formação e atuação, pois *“precisamos de um fio de Ariadne que nos permita encontrar nosso caminho neste labirinto de preocupações tão graves e complexas. O altruísmo é esse fio que nos possibilita religar naturalmente as três escalas de tempo – curto, médio e longo prazo”* (RICARD, p. 34).

Conclusão

Se morrer é descansar as velhas ideias e os limitantes preconceitos, e, também, sepultar nossas verdades dogmáticas que subestimam as narrativas alheias, então, esse morrer nos é caro e necessário.

Se morrer é enterrar nossa soberba vinda das titulações penduradas nas paredes e, também, desistir das manias de superioridade diante do outro, então, esse morrer é querido e potente. Morrer numa dimensão interdisciplinar é renascer para um novo olhar diante das vulnerabilidades humanas e promover em cada um de nós uma restauração existencial, de querências na autonomia e libertação.

Morrer numa abordagem integrativa é ressurgir das cinzas do conhecimento isolado e prosperar no conhecimento pertinente, como nos lembra do filósofo francês Edgar Morin.

Que possamos renascer num desejo por uma melhor educação e uma melhor saúde, e é exatamente nessa conexão que o bem-estar pessoal e coletivo se instalam. Falar de cuidados com os professores ou mediar os processos educativos com os médicos é promover uma ação interdisciplinar que dá sentido ao discurso e às construções ousadas. Aquele ou aquela que opta pela InterD desbrava cotidianamente territórios demarcados por distintos campos do conhecimento. É preciso aproximar essas margens para que o diálogo se estabeleça, pois, a *“humildade está no presente, não no futuro. Você não pode se tornar humilde. O próprio tornar-se é a continuação da auto importância, que se esconde na prática de uma virtude.”* (KRISHNAMURTI, p. 30)

Nas práticas da escuta sensível ou nos atos de contemplação com a natureza criativa do outro é que o autor encontrou sua ilha de paz, sua metáfora constelada em contínua pesquisa e em conscientes silêncios na dinâmica do nascer/viver/morrer, e acredita que *“num projeto interdisciplinar, comumente, encontramos-nos com múltiplas barreiras (...). Entretanto, tais barreiras poderão se transpostas pelo desejo de criar, de inovar, de ir além.”* (FAZENDA, 1993)

- (1) Ecleide Cunico Furlanetto: pedagoga pela PUC/SP. Mestre em Psicologia da Educação, PUC/SP. Doutorado em Educação: currículo. Pós-doutoramento pela Universidade de Barcelona. Coordenou o Programa de pós-graduação em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) entre 2006 e 2018. Líder do Grupo de Pesquisa, Narrativas, aprendizagens e formações (NARRAR, UNICID).
- (2) Ivani Catarina Arantes Fazenda é professora titular da PUC/SP. Pedagoga formada pela USP. Mestrado em Filosofia da Educação PUC/SP. Doutorado em Antropologia pela USP. Livre-docência em Didática pela UNESP. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade – GEPI. Membro fundador do Instituto Luso Brasileiro de Ciências da Educação/Évora-Portugal.

Referências

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 6ª edição, 2007
- _____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ª edição, 2007.
- BRYSON, B. **Corpo – um guia para usuários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

- FAZENDA, ICA. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Editora Cortez, 1993.
- FREINET, C. **Ensaio de Psicologia Sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GUSDORF, G. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- HONNET, A. **Luta por reconhecimento – a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003
- KRISHNAMURTI, J. **Comentários sobre o viver – breves textos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2007
- RICARD, Matthieu. **A revolução do altruísmo**. São Paulo: Palas Athena, 2015.
- ROSELLÓ, FT. **Antropologia do cuidar**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.